



A TEORIA PIAGETIANA NA EDUCAÇÃO ATUAL: UM RETORNO NECESSÁRIO

Izabel Cristina Rui Mastella¹
Jeane Pereira Aguiar²
Tatiane Marchesan³
Vanessa Steigleder Neubauer⁴
Ieda Márcia Donati Linck⁵

"A inteligência é o que você usa quando não sabe o que fazer."
Jean Piaget

Resumo

Este trabalho, de cunho bibliográfico, centra-se na teoria Piagetiana e sua contribuição para educação na atualidade. Considera-se importante ressaltar que hoje com o ensino de nove anos e o ingresso ao ensino fundamental antecipado, bem como a lei de não reprovação, emerge a necessidade de se retomar os estudos de Piaget, mais especificamente os estágios por ele propostos, na tentativa de reforçar que é preciso repensar as propostas pedagógicas para este novo momento da educação. Assim, para melhor esclarecer essa proposta, o estudo se subdivide em dois momentos; o primeiro dedica-se a pensar na teoria de Piaget, o qual considera que para a construção da cognição humana, a criança passa por estágios de desenvolvimento, sendo: o sensório motor, o pré-operatório, o operatório formal e o operatório conceitual. O segundo momento refere-se à aproximação da teoria de Piaget à educação atual. Nesse espaço, podemos visualizar a importância dos educadores em conhecer essa teoria, a partir dela é possível reconhecer os tempos de aprendizagem diferentes de seus educandos, ou seja, ritmos de desenvolvimento variados, pois apesar de termos os estágios definidos, dependemos das vivências anteriores desses sujeitos, que podem ou não apresentar um desenvolvimento biológico compatível com seu desenvolvimento maturacional. Portanto, considera-se que, a partir da teoria de Piaget, o trabalho de educar crianças não se refere só a transmissão de conteúdos, mas sim ao favorecimento de estímulos que desenvolvam suas habilidades dos estágios específicos para cada faixa etária, respeitando os ritmos variados de aprendizagem de cada um.

Palavras-chaves: Teoria. Prática. Criança. Aprendizagem.

¹ Acadêmica de Pedagogia do 5º semestre do curso de Pedagogia Parfor_ Unicruz. E-mail: izabelmastella@hotmail.com;

² Acadêmica de Pedagogia do 5º semestre do curso de Pedagogia Parfor_ Unicruz. E-mail: jeaneaguiarp@yahoo.com.br;

³ Acadêmica de Pedagogia do 5º semestre do curso de Pedagogia Parfor_ Unicruz. E-mail: Tatiane.marchesan@hotmail.com

⁴ Doutoranda em Filosofia UNISINOS, docente da Universidade de Cruz Alta. Bolsista Capes- Parfor. E-mail: borbova@gmail.com

⁵ Doutoranda em Linguística pela UFSM. Docente da Universidade de Cruz Alta. Bolsista Capes/Parfor. Mestre em Educação pela (UNINORTE), Mestre em Linguística pela (UPF). E-mail: imdlinck@gmail.com



PIAGET THEORY IN EDUCATION CURRENT: A RETURN NECESSARY

This work, bibliographic nature, focuses on Piagetian theory and its contribution to education today. It is considered important to emphasize that today with the nine-year education and entry to early elementary school, and the law does not fail, emerges the need to resume the studies of Piaget, more specifically the stages proposed by him, in an attempt to reinforce that it is necessary to rethink the pedagogical proposals for this new era of education. Thus, to clarify the proposal, the study is divided into two stages; the first is dedicated to thinking in Piaget's theory, which considers that for the construction of human cognition, the child goes through stages of development, namely: the sensory motor, preoperative, operative formal and conceptual operative. The second point refers to the approach of Piaget's theory to education today. In this space, we can see the importance of educators to understand this theory, as it is possible to recognize the different times of learning of their students, ie, varied rhythms of development, because although we set the stage, we depend on those previous experiences subject, which may or may not present a maturational development compatible with their biological development. Therefore, it is considered that, from Piaget's theory, the work of raising children does not refer only to transmission of content, but the favoring of stimuli that develop the skills of specific stages for each age group, respecting the varied rhythms learning from each.

Keywords: Theory. Practice. Child. Learning.

Introdução

A educação é uma prática social inextricavelmente ligada às dinâmicas constituidoras de uma sociedade. Sendo assim, a mesma pode ser entendida como um amplo processo, constituinte da nossa humanização, que se realiza em diversos espaços sociais: na família, na comunidade, no trabalho, nos movimentos sociais, na escola, dentre outros.

A educação é, sobretudo, troca, debates, construção de ideias e formação de hábitos que precisam ter como ponto de partida a formação ética e a proposta de construção de novas visões de mundo e a busca pela justiça social e na certeza de luta pela igualdade. Ela constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo, por isso é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade, pois abre caminhos para a preparação da



cidadania de um povo e a necessidade de diminuir as desigualdades sociorraciais históricas existentes na sociedade (SEVERINO, 2000, p.45).

As sociedades contemporâneas tornaram-se extremamente heterogêneas, compostas por diferentes grupos humanos, interesses contrapostos, classes e identidades culturais em conflito. Nela, os diferentes estão quase que permanentemente em contato, sendo obrigados ao encontro e a convivência, e a vida virtual assume um *lócus* nunca visto nas nossas relações. E, são assim também as escolas. Até porque a escola não é um campo neutro onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. Ela é um espaço sociocultural onde convivem os conflitos e as contradições. Como afirma Dourado (2003, p. 62), “na escola todos têm contribuições e saberes para compartilhar e que todos os processos realizados nos espaços da escola são vivências formativas e cidadãs”, devendo, por isso, oportunizar um espaço privilegiado na vida dos educandos, pois é uma instituição social, no qual é possível o encontro de diferentes presenças, também é um espaço sócio-cultural marcado por símbolos, rituais, crenças, cultura e valores diversos. Como nos confirma Gomes (2002, p. 39):

Deparamo-nos com diferentes olhares que se cruzam, que se chocam e que se encontram. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade. O olhar lançado no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

Moacir Gadotti, educador brasileiro comprometido com educação popular e comunitária, propõe uma educação multicultural, como estratégia de educação para todos, capaz de reduzir os elevados índices de evasão e de repetência dos segmentos menos favorecidos da sociedade brasileira, na sua maioria constituídos por pobres, negros e mestiços. Considera ele que uma das tendências do mundo contemporâneo é o multiculturalismo, que deve se traduzir no respeito e valorização das diferenças socioculturais. Nas palavras de Gadotti (1992 *apud* FERNANDES, 2005), a diversidade cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da dele. Esse contexto deve constituir-se um espaço democrático que busque o desenvolvimento pleno de seus educandos, deve considerar todos como sujeitos sociais de iguais direitos e deveres, deve adaptar-se às condições de seus educandos e não excluí-los por suas condições culturais, sociais, econômicas ou raciais.



Além disso, deve ser pensada como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. Ela é o segundo grupo da escala social da vida das crianças, das quais, hoje, boa parte, ingressa nas instituições aos quatro meses de idade. Por isso, a necessidade do professor ter um conhecimento amplo sobre o desenvolvimento infantil, que o faça compreender quando, como e por que a criança de determinada faixa etária se comporta de uma ou de outra forma. Esse saber fará com ele possa influenciar de maneira positiva no desenvolvimento dos educandos.

De acordo com De Paula e Mendonça (2007 *apud* PELAES, p.3, 2009), para o professor é de fundamental importância a compreensão do desenvolvimento humano nos primeiros anos de vida. Esse conhecimento capacita o educador, tornando-o apto a entender as características psíquicas, biológicas e comportamentais da criança em uma fase específica do seu crescimento, possibilitando o reconhecimento de possíveis deficiências no processo, bem como a devida intervenção.

Essa é a contribuição de Jean Piaget, o qual procurou entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para captar o mundo e investigou o processo de construção do conhecimento, com base na evolução do pensamento até a adolescência. A partir deste conhecimento, ele revolucionou a maneira de pensar com relação às crianças. Até então, a teoria pedagógica tradicional afirmava que as crianças eram “caixas vazias” esperando que os adultos depositassem conhecimento. Na Teoria de Jean Piaget acredita-se que as crianças passam a construir seu mundo de acordo com o que lhes é oferecido, criando e testando suas teorias. Nesse percurso é possível, então, afirmar que Jean Piaget ofereceu uma teoria interacionista em contraposição à teoria comportamentalista que existia na época (GOMES; GHEDIN, p. 223, 2012).

Com base na teoria de Piaget, a educação deve oferecer à criança a descoberta e a construção do conhecimento através de atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilíbrios sempre respeitando sua maturação. Ele dividiu o desenvolvimento da criança em etapas que devem ser respeitadas para um trabalho mais eficiente do ponto de vista pedagógico. Nesta teoria, o professor assume um papel de suma importância, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza materiais e faz a mediação da construção do conhecimento.

Essa perspectiva teórica não propõe um método de ensino, mas elabora uma teoria do conhecimento, cujos resultados são utilizados por psicólogos e pedagogos. Suas pesquisas têm várias interpretações que se concretizam em propostas didáticas diferentes. De acordo



com Gomes e Ghedin (2012, p. 225), com a teoria de Piaget, a educação tomou um novo rumo, cujos objetivos pedagógicos devem estar centrados no aluno, a aprendizagem é entendida como um processo construído internamente e os conflitos são vistos como algo importante para o desenvolvimento da aprendizagem.

Assim, é dever do sujeito professor estudar, reconhecer e aplicar as contribuições de Piaget na prática educativa, pois há uma relação direta no seu fazer, enquanto professor de Educação Infantil. Ele é responsável pelo desenvolvimento cognitivo do educando, que será melhorado quando os educadores tiverem consciência dos estágios de desenvolvimento do pensamento humano.

Este estudo se justifica pela mudança ocorrida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no qual no Art. 32 prevê a inserção da criança com seis anos nos anos iniciais, ampliando o ensino fundamental para nove anos.

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006). (BRASIL, p.23, 1996).

Para tanto, a recomendação do Ministério da Educação (MEC) é de que as escolas não reprovem os alunos nos três primeiros anos do ensino fundamental, criando, assim, um ciclo de alfabetização. A resolução não tem força de lei. A orientação do MEC faz parte de uma proposta do Conselho Nacional de Educação (CNE) para a estruturação dos nove anos da educação fundamental.

A teoria de Piaget: os estágios

Piaget desenvolveu sua pesquisa a partir da observação com seus próprios filhos, criando um campo de investigação que denominou epistemologia genética, isto é, teoria do conhecimento centrada no desenvolvimento natural da criança. Segundo ele, o pensamento infantil passa por quatro estágios, desde o nascimento até o início da adolescência, quando a capacidade plena de raciocínio é atingida. Para Piaget (1981, p.32), o primeiro estágio é o sensorio motor representado desde o nascimento até os dois anos de idade aproximadamente, no qual os bebês aprendem sobre si mesmo e seu mundo, por meio da atividade sensorial e motora.



Essa fase é conhecida como a dos reflexos, pois ao nascer à criança herda os reflexos que permitirão os primeiros contatos com o mundo exterior. Segundo Piaget (2011), esse período é marcado por um extraordinário desenvolvimento mental, embora não se dê muita importância por não ser acompanhado de palavras que permitam seguir, passo a passo, o progresso da inteligência e dos sentimentos, como ocorre em outros períodos.

No sensorio motor, o contexto aparentemente desordenado se transforma por intermédio do movimento e da repetição da ação da criança, surgem os esquemas, que são modelos de ação interna dos objetos e das pessoas que a criança passa a conhecer em consequência da vivência que estabelece com os mesmos (BLAJ, p. 16, 2008).

O referido autor ressalta ainda, que nesse estágio, o ponto de partida das ações está no movimento reflexo: sugar e agarrar. Os lábios e a boca podem sentir a forma, textura e temperatura dos objetos que passam ser concebidos por estas, sensações, bem como pelo domínio motor que por meio dos exercícios se torna mais refinado. Outro aspecto relevante está em relação à visão, que passa a ser mais um recurso nesta etapa, onde a criança começa a focalizar os objetos a segui-los e a conhecê-los. E mais, nesta fase, a repetição de suas ações e constância do vínculo com as pessoas, dá a criança segurança para as novas descobertas, ou seja, os bebês respondem basicamente por reflexos espontâneos e quais vão evoluindo no confronto com o mundo envolvente, e, por isso mesmo, os primeiros esquemas de ação são esquemas reflexos inatos⁶, como a sucção e a preensão (Piaget, 1981, *apud* BLAJ, p.17, 2008).

O segundo estágio Piaget chamou de pré-operatório, referente aos dois anos e aproximadamente até sete anos, segundo Papali (1998). Nesse período, está à função simbólica⁷, as crianças raciocinam por imaginação. É possível notar que a criança nessa fase está presa a uma forma subjetiva de pensar e necessita do concreto para dar explicações e entender as situações do dia a dia. Esta forma rica em detalhes aparece com clareza no desenho, pois as formas são justapostas, sincréticas e as explicações são egocêntricas e tudo é possível entrando no pensamento intuitivo e imaginário (BLAJ, p.19, 2008).

Felizmente, algumas escolas, principalmente as de Educação Infantil, já planejam as suas atividades de acordo com os estágios do desenvolvimento cognitivo. Nas classes com

⁶O que é reflexos inatos são: reflexos naturais na relação com o meio externo, variando no período de zero a dois anos. O bebê mama o que lhe colocarem na boca, vê somente o que está diante de si, chora quando tem fome ou sede. Piaget (1981, *apud* Silva, p.2)

⁷ Função simbólica: é a capacidade de usar símbolos ou representações mentais – palavras, números ou imagens aos quais uma pessoa atribui um significado (PAPALIA, 2000, p.194).



crianças entre dois e três anos, por exemplo, não é difícil perceber que elas estão em plena descoberta da representação, do “faz de conta”. Começam a brincar de ser outra pessoa, com imitação das atividades vistas em casa e dos personagens das histórias. A escola fará bem em dar vazão a isso, promovendo uma ampliação do repertório de referências (PPP- Projeto Político Pedagógico da Escola Solange A. Copetti-Ijuí-RS).

De acordo com a Coletânea de Planos de Estudo da Escola Solange Ana Copetti - Ijuí-RS (2006, p.10):

Observa-se no cotidiano de nosso trabalho, crianças brincando de faz de conta, de jogos simbólicos, como costumamos dizer, é a capacidade que desenvolvemos de representar, de simbolizar, o uso do símbolo- de considerar uma coisa como sendo outra. Por isso o faz de conta é um pouco isso: desejar algo e apostar que é possível ter uma solução criativa para se ter/ser/ viver o que se quer. A brincadeira é o fazer da criança. É através dela que ocorre as aprendizagens básicas para o ser humano. Portanto, devemos estimular situações que ela brinque, uma vez que mesmo sem nenhum brinquedo ela pode realizar atividades básicas porque o corpo ainda é seu.

O apresentado representa uma aprendizagem simbólica. Piaget baseou seus estudos em atividades lúdicas, sendo o jogo uma atividade espontânea da criança, dessa forma jogar é simular, imaginar, criar, inventar, sair de si mesmo em relação aquilo que se busca alcançar, motivado apenas pelo prazer de sua função (Piaget, 1964 *apud* MACEDO, 2013, p.?)

O egocentrismo é mais uma característica do estágio pré-operatório, pois nessa faixa etária a criança não consegue ver as coisas do ponto de vista do outro. Conforme Papalia (2000, p.198), não se trata de egoísmo⁸, porém compreensão centrada em si mesmo e, segundo Piaget, está no cerne de grande parte do pensamento limitado das crianças. O egocentrismo é uma forma de contração: Piaget afirmou que as crianças, nesse estágio, estão tão centradas em seu próprio ponto de vista que não podem apreender a visão do outro. Nesta faixa etária dos quatro anos o pensamento caracteriza-se por centrar-se em determinados aspectos da realidade, sem conseguir abstrair algo que nele está contido.

Neste ponto é importante destacar o que Zilá Mesquita (1999, p.7) afirma:

O termo “egocentrismo” é algumas vezes confundido com “egoísmo”, que significa fazer alguma coisa para benefício próprio, mesmo sabendo que esse ato não convém ou magoa outra pessoa. Egocentrismo é diferente de egoísmo na medida em que se refere à total inabilidade de ver outro ponto de vista. As crianças de três a quatro anos estão interessadas apenas no que “elas” fazem, e não lhes ocorrem comparar sua performance com nenhuma outra.

⁸Egoísmo: fazer alguma coisa em benefício próprio (PIAGET, 1964).



A criança pensa, agindo concretamente sobre os objetos. Ela opera, pensa a realidade, transformando-a e aos poucos este pensar vai deixando de se apoiar no concreto. Ao demais, para além dos seus pensamentos expressos, as crianças têm muitos pensamentos não expressos e, como afirma Piaget, ficam por exprimir precisamente porque são egocêntricos, isto é, incomunicáveis. Para transmiti-los aos outros, a criança teria que ser capaz de adotar os seus pontos de vista. “Poder-se-ia dizer que o adulto pensa socialmente, mesmo quando se encontra só, ao passo que as crianças com menos de sete anos pensam e falam egocentricamente, mesmo em sociedade com os outros” (Piaget, 1964 *apud* VIGOTSKY, caderno 29, p. 56).

Na idade de sete a 12 anos aproximadamente, as crianças passam para o estágio de desenvolvimento denominado operações concretas. Elas são menos egocêntricas e podem usar o pensamento, são capazes de distinguir a fantasia, o jogo simbólico da realidade, possuem melhor compreensão da conservação, da diferença entre aparência e realidade e dos relacionamentos entre os objetos. A partir dos sete anos, pouco a pouco, a criança vai podendo captar o que se acha aparentemente “escondido” no concreto, começa a perceber mais em relação aos objetos em si, as relações entre eles. É capaz de pensar abstratamente, operando a realidade mentalmente (PAPALIA, 2000, p. 257).

A partir dos 12 anos, os adolescentes ingressam no nível mais alto de desenvolvimento cognitivo, o estágio das operações formais, quando desenvolvem a capacidade de pensamento abstrato. Nesse estágio adquirem um maior conhecimento de manipular ou operar com a informação, não estão mais limitados ao aqui e agora, podendo pensar em termos do que é verdade, podem imaginar possibilidades, testar hipóteses e formar teorias (PAPALIA, 2000, p.258).

A grande contribuição de Piaget foi estudar o raciocínio lógico-matemático, que é fundamental na escola, mas não pode ser ensinado, dependendo de uma estrutura de conhecimento da criança", diz Lino de Macedo, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. As descobertas de Piaget tiveram grande impacto na pedagogia, mas, de certa forma, demonstraram que a transmissão de conhecimentos é uma possibilidade limitada. Por um lado, não se pode fazer uma criança aprender o que ela ainda não tem condições de absorver. Por outro, mesmo tendo essas condições, não vai se interessar a não ser por conteúdos que lhe façam falta em termos cognitivos. Isso porque, para o cientista suíço, o conhecimento se dá por descobertas que a própria criança faz - um mecanismo que outros pensadores antes dele já haviam intuído, mas que ele submeteu à comprovação na prática (FERRARI, 2013, p.2)



A importância da elaboração de conceitos, partindo dos estágios de Piaget, é fundamental para que a criança aprenda e construa seu próprio conhecimento, essencial para seu desenvolvimento motor, cognitivo e emocional. Grandes autores da psicologia do desenvolvimento, como Piaget, apontam para a importância do ato motor no desenvolvimento das crianças nas dimensões afetivas e cognitivas.

Segundo Piaget, (1964 *apud* CHATEAU, 1987, p.33), o corpo é o ponto de referência no processo e aprendizagem infantil. Agir, movimentar-se ludicamente permite à criança descobrir suas capacidades de coordenação, percepção, exploração, concentração e atenção, sendo fundamental ela explorar o corpo, os objetos e interaja com os outros, para que construa o conhecimento do mundo e conquiste gradativamente a sua autonomia.

Assim compreende-se que os estágios definidos por Piaget são fundamentais para o desenvolvimento da criança e para melhor compreender e melhorar a prática pedagógica.

Aproximações da teoria de Piaget à educação

Conforme já dito, a educação básica necessita de educadores comprometidos e conhecedores do processo de desenvolvimento da criança, por isso a necessidade de o professor ter um conhecimento amplo, inicialmente, sobre o desenvolvimento infantil, compreendendo como e por que a criança de tal faixa etária se comporta de uma determinada forma, para, então, poder influenciar de maneira positiva no seu desenvolvimento. Sabendo identificar em qual estágio a criança se encontra, propondo estímulos e/ou atividades adequados.

Considerando que a criança chega à escola com seis anos onde já se inicia o processo de alfabetização, cabe ao educador propor atividades que atendam as especificidades dessa faixa etária, adequando o planejamento. É importante ressaltar que é através da ação, do testar, do usar suas capacidades, que o pensamento se desenvolve. Por isso, devem-se oferecer materiais concretos para que a criança manipule, observe e toque, interaja com o mesmo e a partir daí elabore e reestruture seu conhecimento.

Segundo Lefrançois (2008, *apud* GOMES; GHEDIN, p. 229, 2012), a teoria de Piaget causou um grande impacto no currículo escolar ao enfatizar que a aprendizagem é muito mais do apenas deslocar informações de fora para dentro da criança. Desse modo, surgiu o construtivismo que consiste numa abordagem para ensinar e aprender, no qual a criança tem papel central e ativo na construção do conhecimento. Esse método construtivista parte do



princípio de que a criança deve ser estimulado a pensar criticamente e de forma independente, ou seja, que o aluno seja capaz de construir coisas novas a partir de sua ação e mediação de seu professor.

Para Lefrançois (2008, *apud* GOMES; GHEDIN, p. 229, 2012), a teoria de Piaget tem como essência sua ênfase na gênese do desenvolvimento do conhecimento o que chamou de epistemologia genética. Entretanto, também é uma teoria da aprendizagem, pois só há aprendizagem se houver desenvolvimento, ou seja, o sujeito desenvolve-se e com isso aprende sobre o mundo e sobre si mesmo. Maturação, experiência ativa, equilíbrio e interação social são as forças que moldam a aprendizagem.

Desse modo, em sala aula é preciso respeitar o momento que o sujeito está pronto para aprender determinado conteúdo, possibilitando a ele experiências que possa agir ativamente no processo, conseguindo um equilíbrio entre o que já conhece e aquilo que é novo e que precisa conhecer através da interação com outros sujeitos. São esses aspectos que o professor precisa considerar para a efetivação da aprendizagem e construção de conhecimentos de seus alunos. E, à medida que o sujeito age para se adaptar ao meio, está mobilizando vários processos cognitivos, como o raciocínio, atenção e o pensamento, que permitem a resolução de problemas, o que consiste numa atitude inteligente.

A todo o momento o sujeito é levado a resolver problemas, dos mais simples aos mais complexos, e isso implica a construção de conhecimentos que permitem resolver tais situações e resolver com sucesso. Piaget propôs para a educação, o desafio de considerar o conhecimento não como algo acabado, mas sim como um processo de formação dos diferentes estados alcançados pelo conhecimento, ou seja, o educando sendo capaz de produzir conhecimentos a medida que aprende pela interação de seu professor e pela sua ação no processo dessa construção e não apenas como receptor de informações (GOMES; GHEDIN, p. 230, 2012),

Para Piaget, o principal objetivo da educação é criar indivíduos que sejam capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir aquilo que outras gerações já fizeram. Isso significa dizer que a educação não pode mais trabalhar para que os educandos apenas memorizem, mas para que estes, além de memorizar, sejam autônomos para inventar, produzir e criar novos conhecimentos, que esses educandos não conheçam somente o produto do ensino, mas participem do processo de construção.

Através da teoria piagetiana, o professor pode saber quando ensinar determinado conteúdo e de que forma deve ser ensinado, pois através dos estágios estudados, é possível



visualizar o desenvolvimento dos sujeitos e o que lhe é possível aprender em determinado estágio. Isso significa dizer que o professor sabe quando e como ensinar ao seu aluno e que desenvolvimento pode-se esperar desse aluno, dependendo do estágio pelo qual está passando. Em suma, é importante respeitar o desenvolvimento do aluno e a forma como este aprende. É importante também conhecer como o sujeito organiza em sua estrutura cognitiva as informações recebidas do meio. Somos seres diferentes e por isso percebemos o ambiente de formas diferentes e damos a ele significados de acordo como o percebemos.

Isso significa dizer que cada sujeito constrói o conhecimento de acordo como percebe e organiza as informações em sua estrutura cognitiva, isto é, construímos conhecimento que nos permitem adaptar ao meio em que estamos inseridos e para, então, resolver os problemas desse meio. Cabe ao professor possibilitar ao sujeito as oportunidades necessárias para essa construção. (GOMES; GHEDIN, p. 227, 2012),

Considerações finais

Reconhece-se que as teorias de Piaget muito contribuíram para a educação e continuam contribuindo, principalmente para pedagogos, a psicólogos, assistentes sociais, educadores especiais, entre outros. Comentar sobre ele é dizer que o mesmo revolucionou seu tempo com seus estudos destinados ao desenvolvimento da cognição humana, desenvolvendo o método clínico de investigação das ideias, não é exagero, ele ainda tem sido reconhecido mundialmente pelos seus estudos.

A partir dessa concepção, a tarefa de educar crianças no sentido do ensino formal não é só transmitir conteúdos, mas de favorecer a atividade mental do aluno, instigando-o a pensar e elaborar o seu pensamento para que construa seu próprio conhecimento, suas próprias hipóteses e sua compreensão sobre determinado assunto.

Conhecer a obra de Piaget, portanto, pode (e deve) ajudar ao professor a tornar seu trabalho mais eficiente, pois na teoria piagetiana ele é um mediador, e não um mero transmissor do conhecimento. Além disso, o sujeito professor deve pesquisar sobre diferentes metodologias, a fim de entender o processo de desenvolvimento da criança. Importante lembrar que os modelos teóricos são sempre parciais e que, no contexto das ideias de Piaget em particular, não existem receitas para a sala de aula, mas sim a necessidade de se compreender o desenvolvimento biológico e maturacional das crianças, na tentativa de entender como a sua cognição se apropria das informações.



O professor é o mediador, o instigador, para desenvolver desafios para que o educando se lance a novas possibilidades, ampliando seu leque de habilidades e conhecimentos. No entanto, Piaget foi mal compreendido por alguns pesquisadores que entenderam que o educador deveria lançar a responsabilidade do aprendizado somente a criança, mas sabe - se que essa concepção é equivocada , porque o professor é um agente da aprendizagem como mediador e possui também função ativa na tarefa de ensinar.

Nessa perspectiva, é fundamental criar desafios para as crianças, propor situações de aprendizagens que geram uma desacomodação das experiências já assimiladas, implica o envolvimento dos educadores, em estarem atentos ao desenvolvimento de seus educandos independente da área que atuem, e que esses ofereçam e busquem alternativas para que a criança amplie seu horizonte de desenvolvimento, formando sujeitos capazes, autônomos, participativos e atuantes na sociedade em que vivemos, sem discriminação, nem preconceito, valorizando as pessoas pelo que elas são e não pelo que elas têm.

Cabe lembrar que Piaget foi precursor nos estudos sobre assimilação e acomodação, conceitos fundamentais para se compreender a aprendizagem, os quais não foram tratados nesse estudo.

Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96**. Brasília- DF, 1996.

DOURADO, L. **Gestão escolar democrática: a perspectiva dos dirigentes escolares da rede municipal de Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2003.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de história e diversidade cultural: Desafios e possibilidades**. Caderno Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v25n67/a09v2567.pdf>>. Acessado em: 12 jul. 2013.

FERRARI, Márcio. **Jean Piaget, o biólogo que colocou a aprendizagem no microscópio**. Disponível no site: < <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/jean-piaget-428139.shtml>>. Acessado em 10 de novembro de 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação, Minas Gerais, n.21,



set/out/nov/dez 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>>. Acessado em 9 de dezembro de 2012.

GOMES, Ruth Cristina Soares GHEDIN, Evandro. **Teorias Psicopedagógicas do Ensino Aprendizagem**. O desenvolvimento cognitivo na visão de Jean Piaget. Boa Vista: UERR Editora, 2012, p. 215- 232. Disponível em: <http://evandroghedin.com.br/files/Texto_Teorias_Psicopedagogicas_Evandro_Ghedin.pdf> Acessado em 4 de julho de 2014.

MESQUITA, Zilá. **Para compreender competição e cooperação nas organizações: reflexões preliminares**. 1999. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad1998-org-23.pdf>>. Acessado em 5 de julho de 2014.

PAPALIA, Diane. **Desenvolvimento Humano/ Diane E. Papalia e Sally WendkosOlds; trad. Daniel Bueno**. -7. ed.-Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PELAES, Angela Maria. **A importância da afetividade para o processo ensino aprendizagem**. Artigo apresentado na disciplina de Estágio Curricular IV ao Curso de Graduação em Pedagogia - Licenciatura - EAD, da Universidade Luterana do Brasil, como requisito parcial para conclusão de Curso, 2009. Disponível em: <www.trabalhosfeitos.com/ensaios/a...Da-Afetividade-Para.../509602.html>. Acessado em 5 de julho de 2014.

SEVERINO, Antônio, J. **Educação, trabalho e cidadania a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, v. 14, n. 2, abr./jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010288392000000200010&script=sci_arttext>. Acessado em 5 junho de 2013.